



1.18 • Conjuntura internacional

A formação do pensamento militar no Cone Sul: Brasil, Argentina e Uruguai

Adriana Iop Bellintani

EM MEADOS DE 1900, a França é um dos países mais ricos do mundo. A lei de 1889 estabelece o serviço militar obrigatório de três anos e assegura ao exército francês um efetivo de 479.000 homens em tempos de paz, em contrapartida aos 556.000 homens do exército alemão.¹ As ideias doutrinárias francesas provêm dos ensinamentos de Napoleão, envolvendo questões como a economia de forças, a divisão do exército em corpos ou grandes unidades, a utilização de trens para abastecimento da tropa, o emprego de serviço de espionagem, a manutenção do segredo nas operações, a divisão dos teatros de operações em principal e secundários, o princípio da estratégia imutável, a liberdade de ação, entre outros.²

A França, no início do século XX, inicia uma política de envio de missões militares para os países que precisavam organizar suas forças armadas. Na década de 1920, em seu desejo de expansão, envia missões militares ao Brasil, Uruguai, Guatemala e Peru, e também missões militares específicas de aviação ao Brasil, Equador, Peru e Venezuela. Conforme análise de Blay, a presença militar francesa em outros países promove e auxilia a influência da França: “era essencial para manter a frágil preponderância da França no mundo”.³ A Alemanha também se interessa pelo envio de missões militares; daí a disputa entre os dois países, pois a França quer conquistar mercados consumidores, fazendo frente à expansão alemã.

A formação da mentalidade militar no Brasil

O Brasil, desde o governo de Hermes da Fonseca (1885-1923), deseja contratar uma missão militar estrangeira, pois, já então, envia jovens militares brasileiros para realizarem cursos no exército alemão.

O chefe supremo do Exército é o presidente da República, representado, na instituição, pelo ministro da Guerra e pelo chefe do Estado-Maior do Exército (EME).⁴ Mas, tanto o Ministério da Guerra, quanto o EME e outros órgãos a eles associados não possuem, nessa época, nenhuma eficácia real, pois, em caso de necessidade de aplicação prática em algum teatro de operações, não há nem material, nem instrução para emprego da força. As escolas militares funcionam em péssimas condições, sem exercícios práticos e com baixíssimo rendimento.

O material de guerra existente no Exército é de origem alemã: o fuzil e a carabina são Mauser; a artilharia é instrumentada com material Krupp. Existe um medíocre arsenal no Rio de Janeiro para reparar as armas de infantaria, que se encontram em péssimas condições, e o arsenal de Porto Alegre está ainda em pior estado.

A essa época, os oficiais mal conhecem sua profissão. Os quadros superiores contam com oficiais muito velhos, despreparados para ocupar cargos de comando. A artilharia tem apenas instrução teórica; não existe mobilização, nem organização: “o exército brasileiro é inferior como organização, preparação e serviços ao exército argentino, seu adversário eventual”.⁵

O positivismo influencia fortemente a política e o Exército brasileiro desde o período imperial. Os oficiais brasileiros aderem a essa corrente filosófica e, a partir dela, passam a organizar as escolas militares e a doutrina, alastrando sua influência por toda a corporação.

A ideia do fim dos exércitos é desenvolvida por Comte em seu *Curso de filosofia positiva*, t. VI, final da segunda fase e início do apostolado. Os adeptos da doutrina acreditam que o governo

deveria ser integrado por intelectuais capacitados que se perpetuariam no poder pela hereditariedade. Com a elite intelectual à frente dos negócios de Estado e com o avanço e aprimoramento da sociedade industrial, o homem progrediria espiritualmente e consolidaria o mundo pacífico, sem guerras e sem a existência de soldados e instituições militares.

“O exército emerge como força organizada [...] na América do Sul, somente no século XX e ainda em muitos países representa uma força débil, carente de instrução e de poder armado.”

Dessa forma, o positivismo marca a história doutrinária do Exército Nacional desde o período imperial, passando pela proclamação da República, e a Primeira República, até a chegada da Missão Militar Francesa, quando o ensino profissionalizante passa a ser ministrado nas academias, e o conceito de soldado-cidadão cede espaço ao conceito de soldado-profissional.

A França, por tradição militar, considera o exército e as Forças Armadas em geral como o grande mudo. Seus integrantes não podem fazer política, discutir política ou manifestar-se sob a égide ideológica, devido à necessidade de manter a disciplina.⁶ Aos militares cabe cuidar dos problemas das ciências militares, embora a ciência militar seja também um problema da alçada governamental. A instituição armada serve para apoiar o governo constituído e defender a nação das ameaças externas, não lhe sendo facultado intervir ou questionar o rumo da política nacional.

A guerra total é a guerra nacional. As decisões do chefe adquirem a forma de ordens ou instruções e devem corresponder às reais necessidades da tropa: servidão e obediência, disciplina, espírito de grupo, confiança, coragem, ambição, moral e hierarquia.

Formação da mentalidade militar no Uruguai

O termo caudilhismo é usado para descrever um sistema político e não apenas um tipo singular, no período pós-independência da América Latina. Na região do Prata, Buenos Aires possui hegemonia política e um conjunto de ideologias voltadas para a Europa, enquanto as províncias vizinhas são pobres e povoadas por índios. Buenos Aires então, além de defender sua economia por meio

Armas e serviço	Marechal	General-de-Divisão	General de Brigada	Coronel	Tenente Coronel	Chefe Esquadrão	Capitão	Tenente
Ministro do Supremo Tribunal Militar	-	2	-	-	-	-	-	-
Estado Maior	1	8	20	-	-	-	-	-
Infantaria	-	-	-	31	28	71	289	343
Cavalaria	-	-	-	13	19	31	118	201
Artilharia	-	-	-	25	39	62	187	205
Engenharia	-	-	-	11	15	28	70	55
Intendência	-	-	-	-	3	5	21	84
Médicos	-	-	1	6	14	31	85	111
Farmacêuticos	-	-	-	1	2	6	23	33
Veterinários	-	-	-	-	-	1	5	42
Dentistas	-	-	-	-	-	-	2	10
Quadro especial	-	1	2	11	10	8	9	-
Quadro normal	-	-	-	1	1	-	-	-
Chamados pelo Decreto 3.10.19	-	-	1	1	-	-	-	-
Total	1	11	24	100	131	243	309	1.089

Oficiais do Exército Brasileiro em 1919. Fonte: Relatório do gen. Maurice Gamelin, chefe da Missão Militar Francesa, sobre o Exército Brasileiro, 1920, decreto 11.12.1919. Paris: Arquivo SHAT, 3391.

do controle aduaneiro, lança domínio sobre as regiões menos privilegiadas e, assim, desperta a resistência nestes grupos com predomínio de chefes locais.

O caudilho é caracterizado por um chefe político-militar que pode ser nacional ou regional. Ele exerce seu poder pela autoridade pessoal. A atuação do caudilho move-se em direção da manutenção da ordem e soberania local ou regional, mesmo que para tal cometa toda espécie de crimes e seja visto como um sujeito capaz de barbáries em nome de mais poder e terras. O caudilhismo impera na América Latina como força armada disposta à defesa de um ideal, de um interesse ou de uma região.

O Uruguai, no início do século XX, apresenta a força armada composta por caudilhos, sem instrução militar e preocupados com as disputas entre facções. Além de não ter serviço militar obrigatório, não se preocupa com investimentos no setor militar. O exército serve, de fato, para proteger o governo das rivalidades e revoluções internas, sem função de defesa externa, ou seja, é visto como um meio de contenção de levantes da oposição.⁷

Para organizar o exército e empreender o espírito militar, é contratada em 1922 uma Missão Militar

DOCTRINA E PENSAMENTO MILITAR

Na doutrina militar, estão incutidas as finalidades, a organização e o funcionamento cotidiano das forças armadas. Ela tem, acima de tudo, um caráter nacional, pois parte das preocupações e interesses do Estado, pugnando por sua unidade e pela manutenção das instituições.

A doutrina militar considera os planos de ações da doutrina de guerra e exercita cotidianamente a força para o desempenho das funções esperadas, em caso de conflito. A doutrina militar é muito mais que um conjunto de regras práticas. Embora esteja consubstancialmente subjacente aos regulamentos militares, ela reflete o pensamento da época, as preocupações, os interesses, a organização administrativa do exército, a mobilização, a disponibilização dos meios, a compra de material, a instrução, as conferências, os cursos, enfim, todo envolvimento diário da força.

A doutrina militar fornece as bases para a doutrina de guerra e esta, por sua vez, passa a orientar a doutrina militar, havendo entre elas uma relação de complementaridade. A doutrina de guerra e a doutrina militar formam a mentalidade militar de cada país em questão. A doutrina militar estrutura o corpo de princípios e operações. Os treinamentos militares servem como aplicação das regras codificadas pela doutrina, que é normativa, conjuntural e evolutiva.

No período entre-guerras, o exército francês ainda pensa e vive de acordo com os meios e as estratégias da Primeira Guerra, a guerra de trincheiras. Há três grandes generais, saídos da Primeira Guerra: Ferdinand Foch (1851-1929), Joseph Jacques Césaire Joffre (1852-1931) e Philippe Pétain. Esses vultos históricos defendem a estratégia do *front fortifié* e influenciam as decisões no período e a formação da mentalidade militar no Brasil e no Uruguai.

País	Serviço militar	Efetivo de paz (homens)	Orçamento do Exército (dólares)	População
Argentina	Obrigatório, 18 a 45 anos	28.000	18.761.000	9.000.000
Bolívia	Obrigatório, 19 a 49 anos	8.000	2.925.498	2.800.000
Brasil	Obrigatório, 21 a 44 anos	109.000	15.942.202	31.000.000
Chile	Obrigatório, 18 a 45 anos	25.000	7.011.143	4.000.000
Colômbia	Obrigatório, 18 a 45 anos	6.000	3.981.657	5.500.000
Equador	Voluntário	5.000	2.585.086	2.000.000
Paraguai	Obrigatório	2.500	658.893	900.000
Peru	Obrigatório, 21 a 60 anos	11.000	5.295.999	4.000.000
Uruguai	Voluntário	10.000	6.697.489	1.500.000
Venezuela	Obrigatório	10.000	2.378.640	2.420.000

Quadro Comparativo dos Exércitos Sulamericanos em 1924.

Fonte: Revista Militar e Naval do Uruguai. Montevidéu, junho de 1924.

Francesa de Instrução, chefiada primeiramente pelo cel. Gros e depois pelo ten. cel Motas d'Hestreux, que atua em Montevideu até 1925. Os oficiais franceses priorizam a formação da mentalidade militar e a não intervenção dos oficiais na política.

Formação da mentalidade militar na Argentina

Em 1900, o exército argentino funda a Escola Superior de Guerra e, a partir dessa época, passa a contar com o auxílio e a instrução de diversos tenentes coronéis alemães, como Von Bellow e Von Thavenay em 1910, Von Goltz e Von Krestzchmer em 1911 e Schlegner em 1912. Segundo Armando Duval, adido militar brasileiro na Argentina, “os contratos dos professores alemães foram sempre feitos em Berlim pelo adido militar argentino”.⁸ Além de receber instruções dos oficiais alemães, a Argentina também passa a importar material bélico da Alemanha, como afirma Potash:

*Un aspecto significativo de la importância que se atribuyó después de 1900 al profesionalismo fue la difusión de la influencia militar alemana em la forma de asesores, períodos de entrenamiento em ultramar y armamentos. Una serie de contratos firmados con las fabricas alemanas de municiones, a partir de la década de 1890, determino que el Ejército argentino se abastecia casi totalmente com armas y equipos fabricados em Alemania.*⁹

A República Argentina empenha-se desde o início do século XX pelo aperfeiçoamento de suas forças, pela profissionalização de seus quadros, pela aquisição de armamentos de última tecnologia e, em especial, pela supremacia militar, principalmente em relação às nações que considera suas iminentes rivais: Chile e Brasil. O coronel Molina, chefe do exército argentino, em meados de 1926, defende publicamente que Brasil e Chile planejam formar uma aliança para aniquilar a Argentina, fato que obriga os militares brasileiros a fazer a seguinte declaração: (...) *nada autoriza imaginar, como fez o ilustre coronel Molina, o Brasil formando em aliança com o Chile as garras de uma tenalha para esmagar a Argentina, idéia essa que nem por hipótese se poderia enquadrar nos intuitos da política brasileira.*¹⁰ A Argentina procura mobilizar seu exército, reorganiza o alto comando, cria novas unidades motomecanizadas e aéreas, moderniza o material de artilharia, acrescenta às suas grandes unidades mais um destacamento, intensifica a instrução

técnica profissional do pessoal no estrangeiro. Suas bases navais e aéreas asseguram-lhe o domínio marítimo no Atlântico Sul. Conforme Dutra: “está infiltrando seu controle no Paraguai e na Bolívia para alienar simpatias e atrações de nosso país”.¹¹

Dutra considera que toda vez que o Brasil reforça suas condições militares, a Argentina preocupa-se e aumenta seu potencial bélico. A Argentina, em sua análise, busca falar mais alto que os outros países sul-americanos.¹²

Conclusão

O exército emerge como força organizada, no papel de defensor dos poderes estabelecidos na América do Sul, somente no século XX, e ainda em muitos países representa uma força débil, carente de instrução e de poder armado. França e Alemanha disputam o envio de missões militares e a venda de material bélico para os países latinos. Neste contexto, a França é determinante para a formação da mentalidade militar no Brasil e no Uruguai, ao passo que a Argentina tem a Alemanha como mentora. ■

Notas

¹ POIDEVIN, Raymond — “La puissance française face à l'Allemagne autour de 1900”. In: POIDEVIN, Raymond (org) — *La puissance française a la belle époque: mythe ou réalité?*. Paris: Complex, 1989. p. 233.

² AZEVEDO, Pedro Cordolino — *História Militar*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1998.

³ BLAY, Jean Pierre — “La mission militaire française: son influence intellectuelle et technologique dans la formation des écoles militaires brésiliennes (1919-1940)”. In: *Guerres mondiales et conflits contemporains: propaganda et conditionnement des esprits au XX siècle*. Paris: Revue Trimestrielle d'Histoire, p. 97, 1995.

⁴ De acordo com o art.º 48 da Constituição de 1891, o presidente da República é o administrador do Exército e da Armada, encarregado de prover cargos militares na instância federal.

⁵ Relatório sobre o Exército Brasileiro, 01.01.1919. Paris: Arquivo MRE, dossiê 26, 174-2.

⁶ BOLOT, Louis Edmond — *La grande muette*. Paris: Flammarion, 1902.

⁷ Carta do cap. Fanneau de La Horie, adido militar da França no Brasil, para o ministro da Guerra da França. Documento sem data. Dossiê, Arquivo Vincennes, 7N3382.

⁸ DUVAL, Armando — *A Argentina Polêmica Militar*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1922. p. 368-369.

⁹ POTASH, Robert — *El Ejército y la Política en la Argentina (1928-1945): De Yrigoyen a Perón*. Buenos Aires: Sudamericana, 1984. p. 18.

¹⁰ *A Defesa Nacional*. Rio de Janeiro: junho de 1926, Ano XIII, Nº. 149. p. 123.

¹¹ Relatório de Eurico Gaspar Dutra, ministro da Guerra do Brasil, Rio de Janeiro, 1939. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, p. 31.

¹² id., ib., p. 31.